

A CAPELA DE SANTO ANTÔNIO

Vagar assim, pelos mil caminhos de São Paulo, em busca de grandezas passadas, é trabalho de fome e de muita, muita amargura. Procura-se demais e encontra-se quasi nada. Vai subindo no ser uma ambição de achar, uma esperança de descobrimentos admiráveis, quem sabe se em tal capela denunciada vai-se topar com alguma S. Francisco? já não digo tão inédita como a de São João d'El Rei, mas pelo menos tão linda como a de João Pessoa... E encontramos ruínas, tosquidões. Vem a amargura. Uma desilusão zangada que, de novo, a gente precisa tomar cuidado para que não crie, como a fome criara, nova e oposta miragem.

O critério para um trabalho proveitoso de defesa e tombamento do que o passado nos legou tem de se pautar, no Estado de São Paulo, quasi exclusivamente pelo ângulo histórico. No período que deixou no Brasil as nossas mais belas grandezas coloniais os séculos XVIII e XIX até fins do Primeiro Império, São Paulo estava abatido, ou ainda desensarado dos revezes que sofrera. Não poudes criar monumentos de arte. Se é certo que uma pesquisa muito paciente pode encontrar detalhes de beleza ou soluções arquitetônicas de interesse técnico, num teto ou torre sineira, num alpendre ou numa janela gradeada, é mais incontestável ainda, a meu ver, que São Paulo não pode apresentar documentação alguma que, como arte, se aproxime sequer da arquitetura ou da estatuária mineira, da pintura, dos entalhes e dos interiores completos do Rio, de Pernambuco ou da Baía.

O critério tem de ser outro. Tem de ser histórico, e em vez de se preocupar muito com beleza, ha de reverenciar e defender especialmente as capelinhas toscas, as velhices dum tempo de luta e os restos de luxo esburacado que o acaso se esqueceu de destruir. Está neste caso a deliciosa capela de Santo Antônio, no município de São Roque, a setenta quilômetros da Capital, para as bandas de oeste.

Esta capela foi construída pelo capitão Fernão Paes de Barros no século XVII, a uns trinta metros para a esquerda da casa-grande da fazenda de Santo Antônio, que ele fundara. Na própria casa-grande, aliás, existia uma sala com altar, onde, pela afirmativa do barão de Piratininga, (*Almanaque Literário de S. Paulo*, organizado por José Maria Lisboa, 1881) o padre Belchior de Pontes “celebrava missas e outras funções do seu santo ministério”.

Esse oratório estava na direita da casa, isto é, imediatamente à esquerda de quem entra pelo alpendre central. Esta solução de situar a sala de capela à direita do alpendre central, repete-se exatamente a mesma, noutra casa-grande colonial existente a poucos quilômetros da capela de Santo Antônio, e ainda no município de São Roque, no lugar chamado “Sitio Velho” pelos seus moradores. Esta última ainda existe completa, apesar de muito arruinada, e permite reconstituir o dispositivo da casa-grande de Santo Antônio, já destruída justamente na ala direita. E é lastimável que a casa-grande, atribuída com bastante certeza à faustosa propriedade do padre Guilherme Pompeu, também no mesmo município, esteja em tal estado de deformação que não se possa mais, com honestidade, verificar se no plano primitivo se repetia a mesma solução.

Que razão levou o capitão Fernão Paes de Barros a construir uma capela nova, mais monumental, na sua fazenda?... Diz o barão de Piratininga que, como o oratório primitivo “não satisfizesse o fervor religioso de d. Maria Mendonça, insistiu ela com seu marido Fernão Paes que edificasse uma capela da invocação de Santo Antônio, e como o que a mulher quer Deus o quer, o marido satisfez os ardentes votos de sua virtuosa esposa, levantando a cinquenta (sic) metros da sua casa de moradia uma capela...”. Já porém na provisão dada pelo dr. Francisco da Silveira Dias, protonotário apostólico do bispado de São Sebastião do Rio de Janeiro, para benção da capela nova, se diz que a existência desta derivava da aspereza das estradas (que até agora é a mesma...) e de ser Fernão Pais achacoso e não poder arrastar com a família à missa em São Roque.

A provisão foi dada a 24 de Setembro de 1681 e a benção, pelo padre Almeida Lara, realizou-se a 12 de Junho do ano seguinte, tendo



Fig. I

Fernão Pais dado como patrimônio da capela "as terras do sítio onde está que segundo a escritura que está a folhas 4 do livro da mesma capela é de meia légua de testada e uma de comprimento", como consta da provisão.

A primitiva propriedade do capitão Fernão Pais de Barros sabe-se ao certo que se compunha pelo menos de dois edifícios, a casa-grande e a capela. Provavelmente teria a sua senzala também, pois que, no seu testamento, conhecido do barão de Piratininga, Fernão Pais instituiu um vínculo perpétuo na fazenda de Santo Antônio, compreendendo, além das terras, "grande número de escravos do gentio de Guiné e do gentio do Brasil". No plano que damos na fig. II, da autoria do sr. Luiz Sáia, a senzala indicada, e que foi localizada pelo sr. Euclides de Oliveira, antigo dono da propriedade e que ainda a encontrou, parece ser a mesma senzala primitiva, atualmente desaparecida por completo, transformado o seu lugar em roça de batatinha. A senzala correspondia em seu comprimento exatamente ao comprimento total da primitiva casa-grande de Fernão Pais, o que ainda leva a supor fosse ela a primitiva. Ao lado esquerdo da casa-grande primitiva, em traço cheio na fig. I, se observa uma dependência recentemente construída ligando a um edifício quasi quadrado, que não pertenceu à propriedade primitiva. Serviu este edifício de moradia principal ao barão de Piratininga, quando foi proprietário da fazenda. Neste edifício, de que restam apenas as ruínas das paredes exteriores, ainda se descobrem umas pinturas amortecidas pelo tempo, feitas por um agregado do barão, dizem, e representando cenas de caçada. Na sua casa de Santo Antônio, o ilustre e político barão deu festas célebres, em que, conforme o testemunho de uma sua escrava ainda existente, havia caçadas e conversas de política. Está certo. A mesma ex-escrava, aliás, conta que ajudou na construção da casa nova, carregando terra para a taipa. Finalmente a 14 metros das ruínas da casa do barão está a capela, cujo plano se distingue bastante, na arquitetura religiosa do Brasil, pela disposição da torre, que não está nem no próprio corpo da igreja, nem dele separado, como é geral. No entanto, pode-se com certeza afirmar que a torre pertence à construção primitiva, não só pelo testemunho do barão de

Piratininga, como principalmente pelo agenciamento da escadaria que leva ao "coreto", palavra usada na zona para designar o coro da capela.

A capela de Santo Antônio tem a sua torre construída de pedra e recoberta de barro. A sineira é totalmente aberta, ainda com um pequeno sino. Os moradores do lugar se referem a um sino grande, de que não pude ainda averiguar a existência, nem onde pára. Já porém as paredes da capela, com exceção dos elementos de ligação da torre, que obedecem ao processo de construção desta, são de taipa. Apenas a parede interna, que separa a sacristia do longo compartimento que dá entrada ao púlpito e ao coreto, é de pau-a-pique.

Talvez um dos mais curiosos elementos da capela de Santo Antônio seja a sua fachada. É por completo feita de madeira e, com toda a probabilidade, se conserva como foi primitivamente, pois tanto as dobradiças da porta como as molduras são iguais às existentes no interior da capela. Apenas um problema surge. Nos dois grandes esteios externos da fachada, abrem-se dois orifícios que varam esses esteios até a parede a que eles se arrimam. Um desses orifícios está perfeitamente visível na fig. II, no esteio próximo à torre. Além desses orifícios e pouco acima deles, observam-se ainda chanfraduras nos ângulos com que os esteios se defrontam. Conforme a arguta observação do sr. Luiz Saia, tanto orifícios como chanfraduras parecem ser elementos de samblagem de tesouras, que formariam na frente da capela um alpendre. Repetir-se-ia, portanto, na capela de Santo Antônio a solução de fachada de igreja com alpendre que encontramos na igreja de São Miguel, no município de São Paulo, e a que o sr. Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*, atribue influência arquitetônica das casas-grandes. Em todo caso, cumpre observar que tal solução da arquitetura religiosa das pequenas igrejas e capelas se repete na Argentina, e pelo menos na Espanha.

Ainda na fachada surge um motivo que talvez desperte um problema de arquitetura regional. Pela fig. II observa-se perfeitamente que nos gradeados emoldurando as envasaduras das janelas, os balaustres são dispostos losangularmente. Este dispositivo arquitetônico, criador de movimento e maior riqueza de claro-escuro, se repete frequentemente nas construções coloniais dos arredores da capital de São Paulo.



Fig. II



Fig. III

Na própria parte ainda existente da casa-grande de Santo Antônio ele é usado nas janelas. Não me recordo de ter visto esta losangulação de balaustres noutras regiões do Brasil. Mesmo pela zona de São Luiz do Paraitinga e Ubatuba, que visitei recentemente, em vão procurei este detalhe tão eminentemente decorativo. Não afirmo nada porém. A ausência de bibliografia a respeito da arquitetura nacional e portuguesa, vácuo que certamente em parte o S.P.H.A.N. agora sanará, não oferece documentação para estudo, e me contento de lembranças --- o que é muito frágil.

Entremos na capela. O coro sob o qual a gente passa não tem nada que interesse particularmente.

E' sem decoração, e sua balaustrada atual parece substituir outra primitiva. Com efeito, o corte dos seus balaustres é o mesmo de uma janela que está aberta no lado direito do altar-mor e que é certamente posterior à capela primitiva.

Nas paredes da nave central vêm-se dois quadros, ambos enormemente danificados. Num deles está a imagem de São Jorge, apenas reconhecível, e que ainda não posso assegurar possa ser restaurada. O outro quadro nem sequer permite mais definir-lhe o tema.

E' curioso que o barão de Piratininga, na desgraçadamente veloz e sumária descrição que faz do edifício, não se refira a estes dois quadros, que, quando mais não seja, pelo estado de dano em que se acham, muito mais danificados que o próprio teto, indicam forte antiguidade. Entretanto o barão se refere a um só quadro, que não pode ser identificado a nenhum dos dois existentes. "Na parede esquerda do corpo da capela, ainda existe uma grande tela representando no plano superior o céu com o Padre Eterno, a Santa Virgem, os anjos e os justos, e no plano inferior o inferno com os réprobos, entre os quais se destacam frades e freiras". Este quadro não existe mais na capela.

Logo após o quadro existente na direita de quem entra, acha-se o púlpito, aberto na parede, e ao qual se sobe pelo compartimento longo que se liga ao altar-mor por uma porta. O púlpito é de talha dourada, bastante bem feita, e tem por elemento decorativo principal duas aves dispostas simetricamente.

O barão de Piratininga se refere a dois altares laterais "com obras de entalhe dourado". Existem de fato dois altares laterais, porém os seus entalhes jamais foram dourados. A madeira empregada é o cedro, esculpido grosseiramente e completamente desnudado de qualquer revestimento posterior, mesmo verniz (fig. n. III). Tenho a sensação de que estes altares, que são certamente os descritos com tanta leviandade pelo barão de Piratininga, pois que *ninguém não* se refere a mudanças posteriores, tenho a sensação que estes altares laterais não existiam na capela seiscentista. Não é de crer-se que Fernão Pais, de cuja capela temos ainda o altar-mór primitivo, tivesse mandado entalhar os altares laterais por outra mão que a do altar-mor. Em todo caso, é absolutamente certo que os altares laterais não correspondem à luxuosa decoração primitiva da capela, e não repetem nenhum motivo de entalhe existente no altar-mor (fig. n. IV). Este, embora desproporcionado como conjunto, é folhado a ouro, e de autor experimentado na escultura em madeira. O entalhe dos dois altares laterais, que devem ser dum mesmo autor, repete-se, apenas com diferença total de motivo na base e no coroamento.

Como pintura, o que interessa grandemente são as decorações dos tetos. Todas elas admiráveis, apesar do estado ruinoso em que se acham, ainda proporcionam a este interior silencioso e desengonçado, o seu timbre mais sincero de suntuosidade. Saborosamente patinadas pelo tempo, embora conservando ainda a claridade de suas cores, são do melhor tipo da decoração afigurativa. Representam aliás a decoração de tetos que era usada mais frequentemente na região, e que difere bastante da das igrejas maiores do Brasil com suas sequelas de santos e justos e grandes painéis figurados, ao centro. Nestas decorações da capela de Santo Antônio, que repetem as do oratório do "Sítio Velho" e talvez sejam do mesmo pintor, apenas bem no centro do teto da nave ha um pequeno painel com figuras. Na da parte do altar-mor o painel, menor ainda, não tem figuras humanas, mas, entrelaçadas, uma cruz, um ramo de lírios e um livro. Na do teto da sacristia provavelmente se repetia também um pequeno painel sem representações antromôrfas, pelo que se pode presumir. Mas lhe falta justamente a taboa central que o tempo fez ruir e desaparecer. Dou dessas decorações um exem-



Fig. IV



Fig. V

plo, tirado do corpo do altar-mór (fig. V). Pelo que anda existe destes tetos bonitos, considero-os possíveis de restauração quasi completa — o que deve ser feito.

Pertencem ainda ao acervo da capela de Santo Antônio um quadro representando Jesus, ainda conservado nela e de boa pintura, e dois candelabros antropomôrtos, representando escravos da Guiné, tirados da capela pelo sr. Washington Luis e resguardados atualmente no Museu do Ipiranga. Conta, aliás, o barão de Piratininga que na primitiva casa-grande havia também “um retrato a óleo, que o último administrador alferes João de Deus asseverava ser do venerando padre José de Anchieta”. Acrescenta que emprestara “esta preciosidade arqueológica a um amigo, que a levou a Itú, onde se acha no colégio de São Luiz”. Mas o apressado desta comunicação não me permitiu ainda averiguar a sobrevivência desta obra de arte.

E assim está a capela de Santo Antônio, mandada construir em 1681, na sua fazenda, pelo bandeirante Fernão Pais de Barros. Este foi um homem rico, natural de São Paulo, filho do capitão-mor governador Pedro Vaz de Barros, o fundador de São Roque. Fernão Pais “fez-se notavel pela sua intrepidez nas explorações do sertão e pelas riquezas que adquiriu”. Foi principalmente um ótimo auxiliar da Corôa nestas partes da Colônia, ajudando inteiramente à sua custa a d. Manoel Lobo que vinha fundar a colônia do Sacramento, e ainda, antes disso, auxiliando no preparo das explorações e dando hospedagem a Agostinho Barbalho Bezerra e a d. Rodrigo de Castelo Branco. Morreu a 30 de Março de 1709, sem deixar filhos dos seus dois casamentos. Mas de solteiro inventara uma filha bastarda, tida duma mulata de Pernambuco, que lhe perpetuou a raça boa.

MARIO DE ANDRADE.

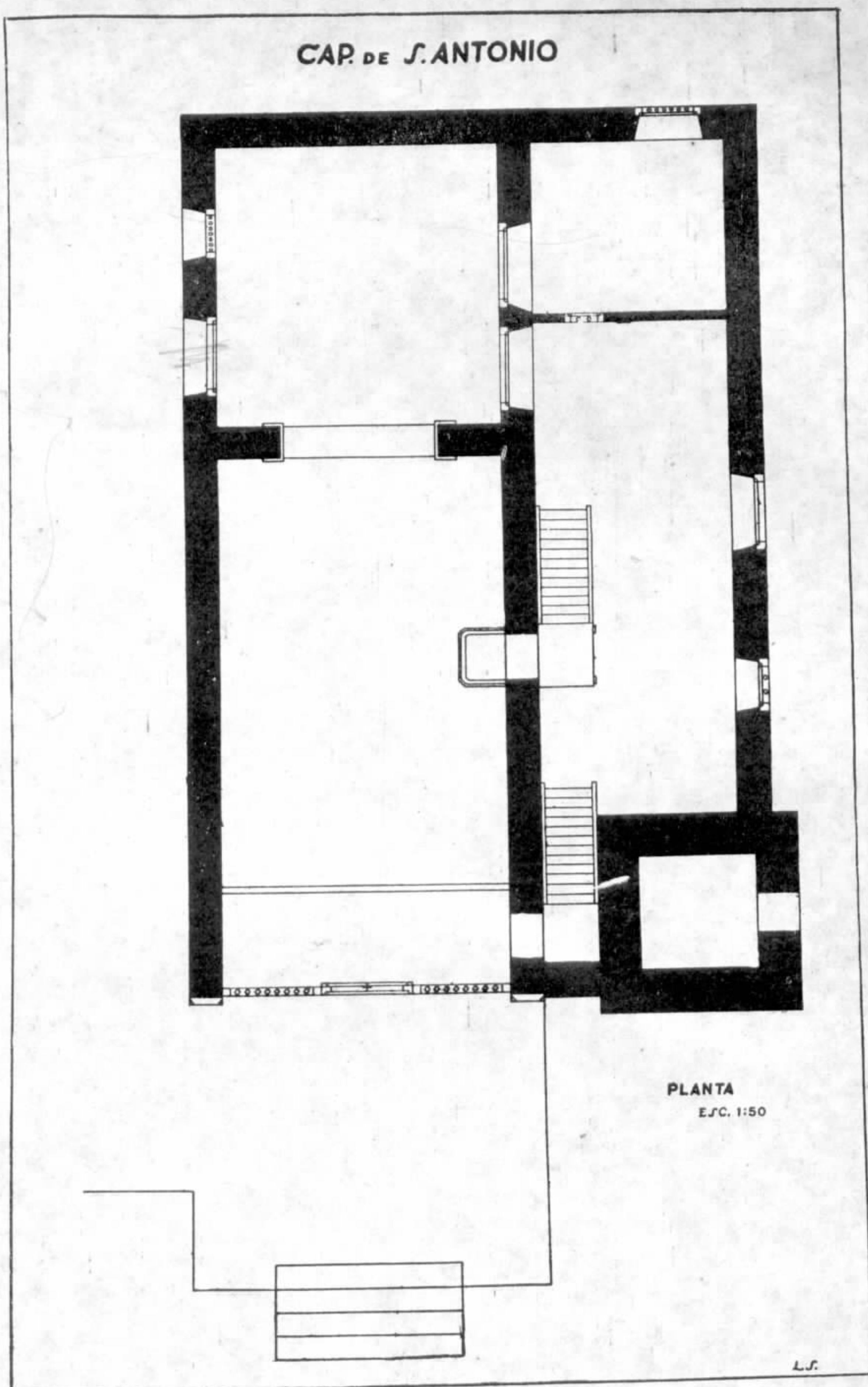


Fig. VI
Planta da capela de Sto. Antonio, construida no século XVII, no município de São Roque (São Paulo)

CAP. DE S. ANTONIO

CORTE LONGITUDINAL
E/C. 1:50

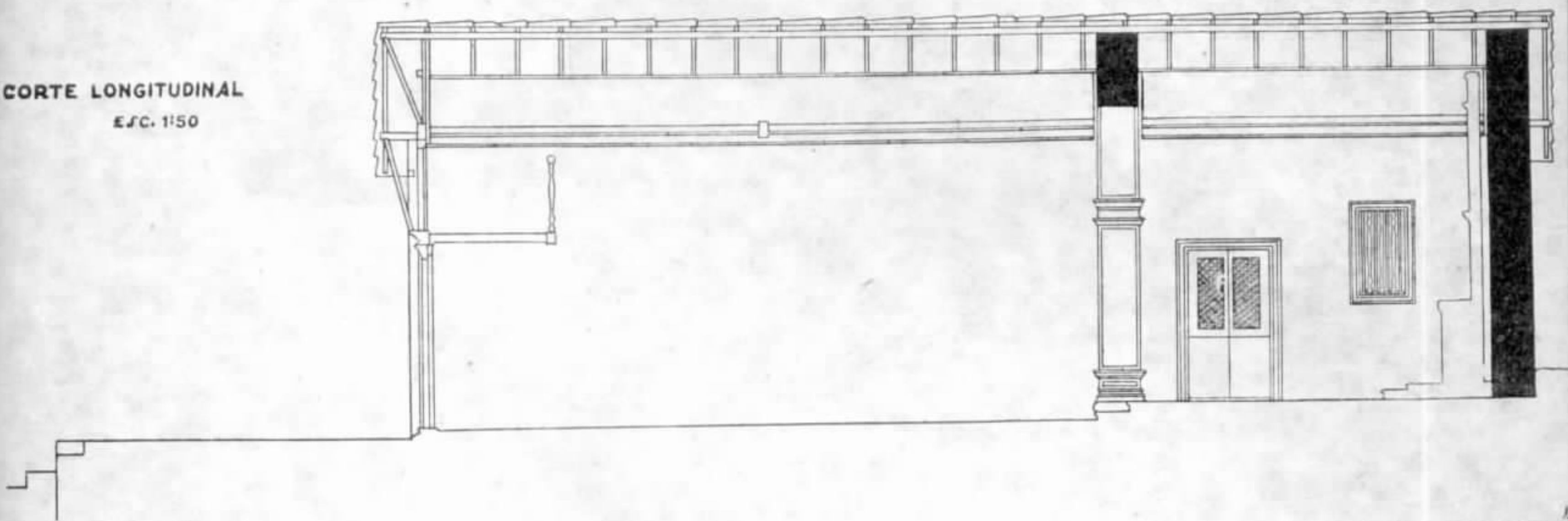
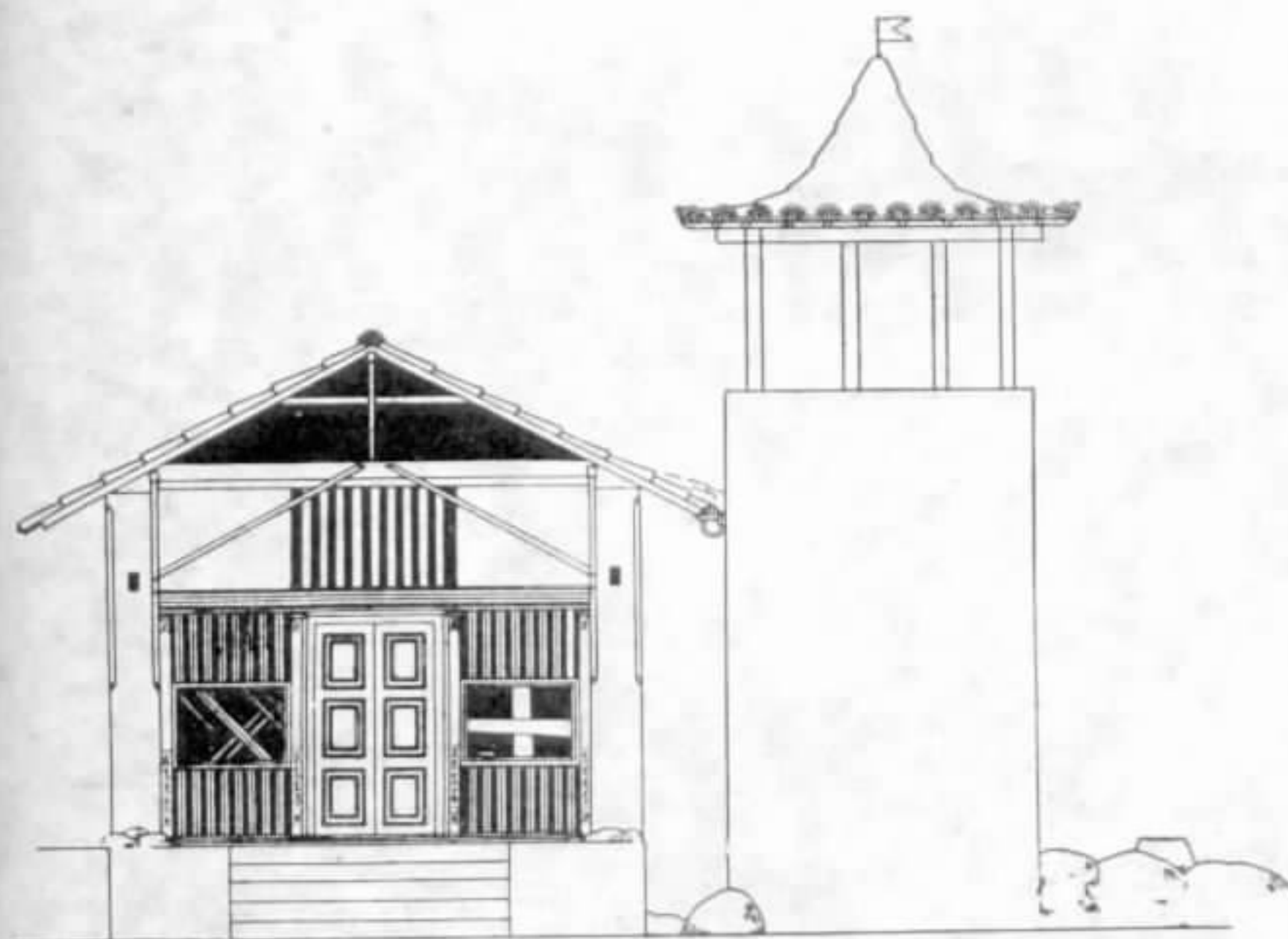
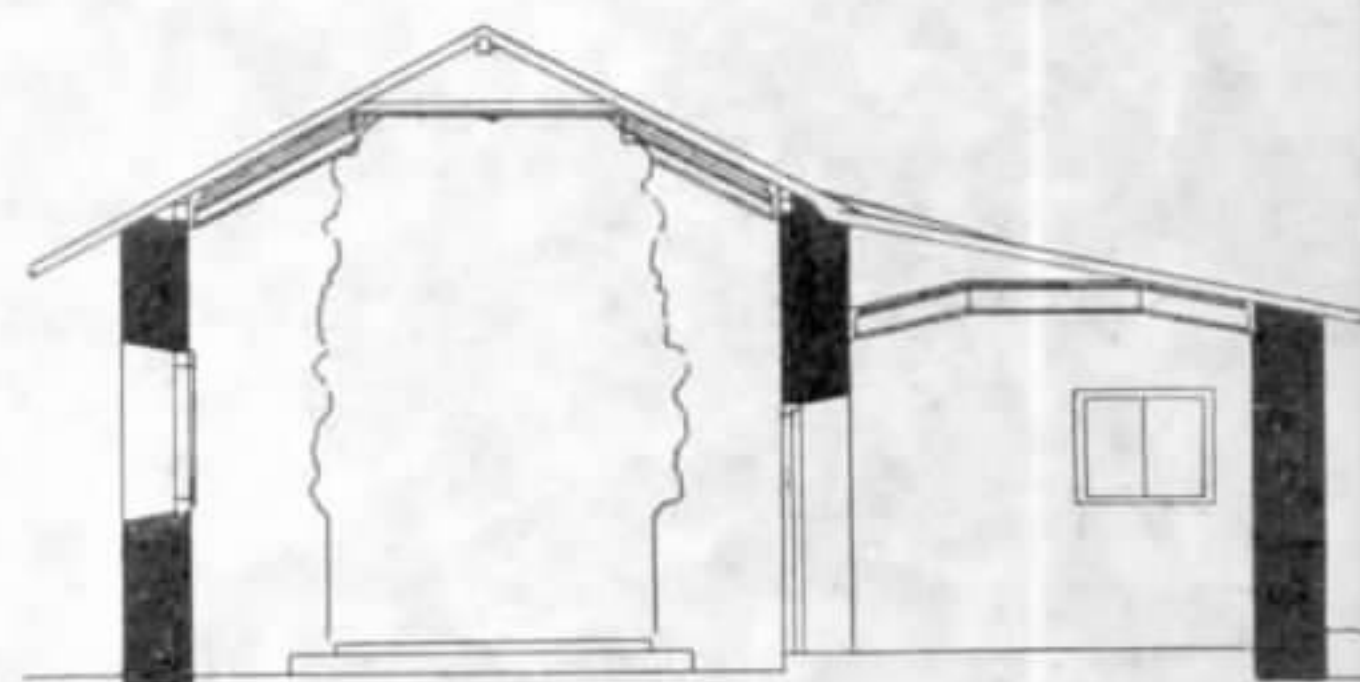


Fig. VII

CAP. DE S. ANTONIO



FACHADA
E/C. 1:50



CORTE TRANSVERSAL
E/C. 1:50

Fig. VIII